

Apito Final

Torna-se importante retomar, para efeito de conclusão deste trabalho, as discussões apresentadas ao longo dos capítulos e, por fim, apontar algumas observações a que pude chegar durante a realização da pesquisa.

A preocupação inicial foi apresentar o espaço sobre o qual eu estava tratando e os objetivos que cercaram a sua idealização. O Aterro do Flamengo, ou Parque do Flamengo, foi criado com a finalidade de se firmar como um espaço público de lazer para os moradores da cidade do Rio de Janeiro. Naquele momento, a cidade que crescia a passos largos viu, pelos olhos de seus governantes na época, uma possibilidade de resolver problemas viários por meio de aterros de áreas de mar. Pistas de alta velocidade seriam construídas, e a cidade ganharia mais espaço para os carros no trajeto ligando Zona Sul ao Centro. No entanto, uma contraproposta do “grupo de trabalho”, junta formada por urbanistas, arquitetos e paisagistas, atento para uma ideia de cidade preocupada com o “lugar público”, saiu vencedora. Mais do que uma solução para o trânsito, o Aterro do Flamengo seria, então, um Parque.

Com uma localização pensada como estratégica, por estar próximo ao Centro da cidade, a ideia era atrair moradores de todos os bairros do Rio de Janeiro. O que se vê até hoje é que, mesmo estando localizado na Zona sul, o Parque de fato abriga frequentadores de todos os cantos da cidade, apontando para o que o historiador José Murilo de Carvalho observou no Rio de Janeiro ainda em tempos de começo de República: movimentos de baixo pra cima que iam reorganizando a ordem urbana. Se não servem para abalar as estruturas hierárquicas tão bem construídas na sociedade brasileira, indicam uma tendência do carioca para a mistura.

Esta característica está presente no Aterro do Flamengo e especialmente no “pedaço” que foi aqui estudado: os campos de pelada. As quadras de futebol são um espaço privilegiado de sociabilidade, e próprio futebol é tomado (de forma um pouco ingênua, ressalto) como um esporte que aproxima e, de certa forma, torna as pessoas “iguais” em um país marcado pela desigualdade.

Buscando entender como aquele “pedaço” se constituiu em um dos lugares mais ocupados do Parque e em como se criou uma identificação tão intensa entre Aterro e as peladas jogadas no Rio de Janeiro, realizei pesquisas em jornais acompanhando notícias desde a data de inauguração, em 1965.

Um marco importante para a construção e reforço da identidade “Aterro-peladas” foi a realização do I Torneio de Peladas, em 1966, pelo Jornal dos Sports. Foi, de fato, um evento gigantesco, que reuniu milhares de pessoas - jogadores e espectadores - naquelas quadras ainda recentes na cidade, mas já bastante disputadas pelos peladeiros. A ausência de espaços livres para jogar as peladas aparece como um dos motivos do sucesso dos campos que vieram, também, suprir essa necessidade. As peladas eram agora jogadas em um espaço público, administrado por um órgão do governo, e essa prática, tomada comumente como “informal e espontânea”, começou a ganhar contornos de organização.

Diversas equipes, desde a inauguração, fizeram do Aterro do Flamengo o lugar de seus jogos e criaram com aquele espaço um sentimento de identificação que, em alguns casos, vem exposto inclusive no nome do time. Expressões como “Templo sagrado” e “Maracanã das peladas” são ouvidas pelos peladeiros que lá jogam para caracterizar o lugar.

A equipe escolhida para este trabalho foi o Ellite Futebol Clube. Acompanhar o Ellite semanalmente às quartas-feiras à noite me despertou para algumas questões interessantes, e foi sobre elas que me debrucei no Capítulo 2. Fez-se necessário descrever o ambiente que freqüentei por alguns meses, com o intuito de destacar todas as especificidades daquelas quadras de pelada e de seus freqüentadores. Um ambiente essencialmente masculino, mal conservado, freqüentado por pessoas das mais diversificadas, com uma sociabilidade latente e cercado por algumas regras previstas para o seu uso, como a necessidade de uma autorização prévia para realização dos jogos pela Administração do Parque e a proibição de determinados comportamentos dentro de campo. Novamente a ideia de “organização” da pelada se fez presente, e ficou ainda mais destacada nos jogos do Ellite, equipe que se auto-intitula como “a mais organizada do Rio”.

Das observações realizadas surgiu um conceito: “pelada organizada”. Comentando sobre a preferência por juizes apitando as partidas, ouvi de um jogador que eles jogam uma “pelada organizada”. Usam uniforme, tem uma

estrutura administrativa fora de campo, site rico em informações, optam por juízes em seus jogos, levam o compromisso com as partidas bastante a sério. O Ellite não é um time de “pelada qualquer”, como afirmou o presidente João em uma resenha de jogo publicada no site da equipe. Pode não ser “qualquer”, mas ainda assim é um time de pelada. O passo seguinte foi, então, entender o significado de pelada para o grupo.

No começo do trabalho de campo me questionei algumas vezes se aquele time que eu observava, de fato, jogava pelada. Os significados que procurei para essa forma de se praticar o futebol iam todos na direção contrária do sentido de “organização”: improviso, informalidade, espontaneidade, subversão. Em nenhum deles há qualquer referência a essa prática em uma forma organizada.

Foi possível, então, entender que pelada não é uma categoria social para se pensar no singular, assim como o futebol também não é. A pelada pode ter diversos formatos, e a ideia clássica que se tem sobre ela – jogada em chão de terra, por moleques descalços improvisando uma bola – é só mais uma possibilidade, dentre tantas outras. Para o grupo observado, a “essência” da pelada não está na sua (falta de) estrutura, no campo esburacado, na bola improvisada, na divisão das equipes entre os “com camisa” e os “sem camisa”.

O lugar onde se joga me pareceu ser um fator decisivo para definir que tipo de pelada se está jogando. Obviamente há diferenças entre uma partida que ocorre entre dois “grupos abertos”, que jogam em qualquer espaço vazio montando o time por ordem de chegada ou no par ou ímpar e entre dois “grupos fechados”, cujos times têm o elenco fixo, adversários previamente agendados e um horário reservado para as partidas. O Ellite, por exemplo, passou a se estruturar enquanto equipe a partir do momento em que conseguiram um horário e campo fixos no Aterro do Flamengo. Há o reconhecimento de uma associação direta entre Aterro e organização da equipe.

O Ellite é uma das tantas equipes que criou uma identificação quase indissociável com o Aterro do Flamengo. A empreitada desse time de “elite” em uma área popular pode ser caracterizada por algumas contradições, que existem também naquele espaço público. Ao mesmo tempo em que valorizam e reconhecem a importância de jogar futebol em um espaço público e gratuito, em contato com uma diversidade de pessoas, eles se mantêm fechados entre eles. A ideia da amizade construída como uma relação horizontal, entre “iguais”, se aplica

ao grupo. Por mais que os adversários sejam esses “outros”, e que a vivência proporcionada pela sociabilidade em um lugar como o Aterro do Flamengo direcione para a diversidade, o grupo tende e de certa forma busca se manter homogêneo.

Observar jogos de futebol em um espaço público me fez atentar, também, para a forma como eles são usufruídos. A acessibilidade a esses lugares levanta a questão se são lugares públicos ou para um determinado público. Ouvi diversas vezes de conhecidos que jogam futebol o quanto é difícil conseguir um campo no Aterro do Flamengo. Por outro lado, os times mais antigos já não passam mais pela mesma burocracia que os novatos. O fato de serem conhecidos naquele lugar garante a eles a permanência. A lógica relacional, tão presente na sociedade brasileira, também se reproduz nos campos de futebol do Aterro.

O Ellite joga uma “pelada organizada”. É pelada, na ideia deles, por ainda manter a “essência” nos valores da amizade, objetivando a sociabilidade e a diversão. Por esses motivos, não participam mais de campeonatos, em que os times que se intitulam como de “pelada” – aspas exatamente para marcar uma distinção - pagam jogadores para atuarem em suas equipes, atitude que desvirtuaria a tal “essência”. A organização do grupo é valorizada exatamente por facilitar o encontro dos amigos que, em um jogo com caráter mais informal, não é cumprida com tanto rigor. A pelada “qualquer” não é a que o Ellite joga. A deles está firmada no compromisso que, por sua vez, é o que reforça semanalmente os laços de amizade construídos pela equipe.

A pelada, independente de ter estrutura ou não, de ser caracterizada pela informalidade ou pela organização, jogada entre amigos ou entre pessoas que mal se conhecem, está baseada nestas idéias: sociabilidade e lazer. Nas cidades grandes ou pequenas, em campos de terra batida ou de grama sintética administrados por órgãos do governo, a pelada vai existir e se reconstruir em diferentes formatos, com diferentes influências, acompanhando as tendências dos espaços que ocupam, enquanto um grupo se reunir em torno de uma bola com objetivo de se divertir e construir laços, ainda que estes acabem no apito final.